



*Quem luta
também educa*

Projeto Nacional de Qualificação Profissional - CUT Brasil

Programa Integração

Módulo 5:
Comunicação,
Cultura & Sociedade

**CADERNO DE
ORIENTAÇÃO
METODOLÓGICA**

**QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL, ENSINO
FUNDAMENTAL E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO**

2001

Aos Educadores,

Para abrir este caderno, passamos a palavra a Paulo Freire, que no nosso percurso é, sem dúvida, um referencial importante. Suas reflexões acerca das práticas educativas para uma ação libertária, atentam para as várias armadilhas que se colocam no cotidiano da difícil tarefa de construir uma educação transformadora. Essas contribuições poderão nos ajudar a repensar nossas práticas no sentido de superar e criar novas possibilidades frente as dificuldades hoje postas.

“A prática, que é social e histórica, mesmo que tenha uma dimensão individual, se dá num certo contexto temporal e espacial e não na intimidade das cabeças das gentes. É por isso que o voluntarismo é idealista, pois funda-se precisamente na compreensão ingênua de que a prática e sua eficácia dependem apenas do sujeito, de sua vontade e de sua coragem. É por isso, por outro lado, que o espontaneísmo é irresponsável, porque implica a anulação do intelectual como organizador, não necessariamente autoritário, mas organizador sempre, de espaços, para o que é indispensável sua intervenção. Voluntarismo e espontaneísmo têm ambos, assim, sua falsidade no menosprezo aos limites. No primeiro se desrespeitam os limites porque nele só há um, o da vontade do voluntarista. No segundo o intelectual não intervém, não direciona, cruza os braços. A ação se entrega quase a si mesma, é mais alvoroço, algazarra. Nesse sentido, voluntarismo e espontaneísmo se constituem como obstáculos à prática educativa progressista.

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação a seu objeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político, assim como não basta dizer que ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação. Não posso pensar-me progressista se entendo o espaço da escola como algo

meio neutro, com pouco ou quase nada a ver com a luta de classes, em que os alunos são vistos apenas como aprendizes de certos objetos de conhecimento aos quais empresto um poder mágico.

Não posso reconhecer os limites da prática político-educativa em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face de a favor de quem a pratico. O a favor de quem pratico me situa num certo ângulo, que é de classe, em que diviso o contra quem pratico e, necessariamente, o por que pratico, isto é, o próprio sonho, o tipo de sociedade de cuja invenção gostaria de participar.

A compreensão crítica dos limites da prática tem a ver com o problema do poder, que é de classe e tem a ver, por isso mesmo, com a questão da luta ou do conflito de classes. Compreender o nível em que se acha a luta de classes em uma dada sociedade é indispensável à demarcação dos espaços, dos conteúdos da educação, do historicamente possível, portanto, dos limites da prática político educativa.

(...) O que quero dizer é que uma mesma compreensão da prática educativa e uma mesma metodologia de trabalho não operam necessariamente de forma idêntica em contextos diferentes. A intervenção é histórica, é cultural, é política. É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas, mas reinventadas. Em outras palavras, devo descobrir, em função do meu conhecimento tão rigoroso quanto possível da realidade, como aplicar de forma diferente um mesmo princípio válido do ponto de vista de minha opção política.

A leitura atenta e crítica da maior ou menor intensidade e profundidade com que o conflito de classes vai sendo vivido nos indica as formas de resistência possíveis das classes populares, em certo momento; sua maior ou menor mobilização, que envolve sempre um certo grau de organização. A luta de classes não se verifica apenas quando as classes trabalhadoras, mobilizando-se, organizando-se, lutam claramente, determinadamente, com suas lideranças em defesa de seus interesses, mas sobre tudo com vistas à superação do sistema capitalista. A luta de classes existe também latente, às vezes escondida, oculta, expressando-se em diferentes formas de resistência ao poder das classes dominantes. Formas de resistência que venho chamando de "manhas" dos oprimidos, no fundo, "imunizações" que as classes populares vão criando em seu corpo, em sua linguagem, em sua cultura. Daí a necessidade fundamental que tem o educador popular de compreender as formas de resistência das classes populares, suas festas, suas danças, seus folguedos, suas lendas, suas devoções, seus medos, sua semântica, sua sintaxe, sua religiosidade.

(...) Às vezes, a violência dos opressores e sua dominação se fazem tão profundas que geram em grandes setores das classes populares a elas submetidas uma espécie de cansaço existencial, que, por sua vez, está associado ou se alonga no que venho chamando de anestesia histórica, em que se perde a idéia do amanhã como projeto. O amanhã virá hoje, repetindo-se o hoje violento e perverso de sempre. O hoje do ontem, dos bisavós, dos avós, dos pais, dos filhos e dos filhos destes que virão depois. Daí a necessidade de uma séria e rigorosa "leitura do mundo", que não prescinde do, pelo contrário, exige uma séria e rigorosa leitura de textos. Daí a necessidade da competência científica que não existe por ela e para ela, mas a serviço de algo e de alguém, por tanto contra algo e contra alguém. Daí a necessidade da intervenção competente, democrática do educador na situações dramáticas em que os grupos populares, demitidos da vida, estão como se tivessem perdido seu endereço no mundo. Explorados a tal ponto que até a identidade lhes foi expropriada. É preciso deixar claro, até mesmo correndo o risco de repetir-me, que a superação de uma tal forma de estar sendo por partes das classes populares se vai dando na práxis histórica e política, no engajamento crítico nos conflitos sociais. O papel, porém, do educador nesse processo é de imensa importância".

(Paulo Freire. In. *Educação Popular – Utopia Latino-Americana*. Org. Moacir Gadotti e Carlos A. Torres. São Paulo Cortez Editora, 1994, pp. 210)

Um bom trabalho a todos nós!

PROGRAMA INTEGRAÇÃO

SUMÁRIO

Apresentação

Módulo 5

Objetivos.....	1
Temas e conceitos a serem abordados no módulo.....	2
Roteiro 1.....	3
Roteiro 2.....	15
Roteiro 3.....	22
Roteiro 4.....	28
Roteiro 3.....	31

ÁREA

COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

MÓDULO 5

OBJETIVOS:

1. Aprofundar o discussão sobre Cultura;
2. Debater como se formulou historicamente a Cultura do Trabalho;
3. Problematizar a relação entre ideologia do consumo, exclusão social e violência;
4. Discutir o uso ideológico da Qualificação Profissional;
5. Estudar as várias expressões culturais no país a partir da construção do glossário regional, dando continuidade a proposta do mód. 4, recuperando a sua história e analisando seus desdobramentos na atualidade;
6. Debater a mercantilização da cultura;
7. Ampliar o conceito de sociedade comparando o desenvolvimento histórico das relações sociais no sistema capitalista e a análise das relações sociais atuais.

TEMAS E CONCEITOS A SEREM ABORDADOS NESTE MÓDULO:

- Conceito de Sociedade;
- Conceito de Cultura;
- Sociedade de consumo/Exclusão Social/Violência
- Mercantilização da Cultura;
- Cultura do Trabalho;
- Qualificação Profissional;
- Meios de Comunicação de Massa;
- Formas de expressão e suportes de comunicação

ROTEIRO 1

Subsídios para os Educadores:

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência*. São Paulo : Brasiliense, 1994, p.p. 9-45.

DIAS, José Américo. *Comunicação, Cultura e o Mundo do Trabalho*. São Paulo, 1999 – texto elaborado para o Programa Integração (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 1).

ALVES, Júlia Falivene. *A Invasão Cultural Norte-Americana*. São Paulo : Ed. Moderna, 1995, p.p. 7-23. (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 4).

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. São Paulo : Brasiliense, 1983.

Textos de Apoio para trabalhar leitura e escrita:

- ◆ A Poesia Moderna
- ◆ Descrever, Narrar, Dissertar
- ◆ Variantes de Narração

Material utilizado:

Ficha 1: Reprodução da obra de Van Gogh, Auto-retrato - Luís Antônio de Oliveira; **Ficha 3:** Poesia: Miséria e Fome - Ana Conte; **Ficha 7:** Curvas do Rio - Elomar

Objetivos:

- Trabalhar as diferentes linguagens e formas de expressão das idéias e da realidade;
- Exercitar a criatividade com os educandos, a partir da elaboração de diversas produções artísticas;
- Exercitar a leitura crítica de diversas produções, com a ampliação do universo cultural dos educandos.

Desenvolvimento 1:

Propor a realização de uma oficina cultural:

1. Primeiro o (a) educador(a) propõe que individualmente cada um procure expressar o seu “sentimento do mundo”, por meio de uma pintura, um desenho, poesia, dramatização, música, expressão corporal, dança, escultura, etc. Para isso é necessário colocar à disposição materiais diferentes: tintas, aquarela, argila ou massa de modelar, sucatas, papéis variados, toca-fitas/cd, etc. O grupo pode ajudar trazendo material, inclusive sucata.
2. Em seguida, educador e educandos organizam a mostra dos trabalhos abrindo espaço para os comentários sobre as produções.

Desenvolvimento 2:

Considerando que as fichas 3 e 7 fazem referência ao mesmo tema, a exclusão social, propor aos educandos:

1. Ouvir a música;
2. Leitura em voz alta da poesia;
3. Em seguida o grupo discute sobre a forma com que cada poeta expressou e tratou a questão da exclusão social:
 - ◆ Foi difícil a leitura dos poemas? Por quê?
 - ◆ A linguagem que eles utilizam é a mesma?
 - ◆ Consideramos importante que na discussão o grupo perceba que um, autor fala da fome que sente e no outro da fome que vê.
4. Ao final o educador pode solicitar aos educandos que escrevam também um poema sobre o mesmo tema ou outro escolhido pelo grupo.

Obs.: Contextualização da música *Curvas do Rio*:

Dentre os trabalhos de Elomar, *Curva do Rio* contém um forte conteúdo social. Composta em 1976, reflete o grande drama do caatingueiro: sofrido e desassistido em sua terra, tem que migrar para São Paulo e Triângulo Mineiro, explorado sempre pelo “Velho Brolino”, figura assustadora, na época muito comum nas cidades do sertão: o caatingueiro hipoteca seus “trens” (termo popular para referir às coisas), suas terras a dez por cento, retira-se para um trecho alheio com a “pele no osso e a alma hipotecada nos bolsos do velho Brolino”. São palavras de Elomar: os que vão e voltam não são mais nada. Não deram certo lá: não dão mais certo aqui. Não pertencem mais a realidade da caatinga. Distanciam-se dos costumes, das tradições locais. Impõe-se que sejam “civilizados”, que é preciso “falar certo”, “viver direito”...

Ao mesmo tempo, o caatingueiro mostra uma resistência fora do comum, ao se comparar com o embuzeiro à beira do rio, solidamente plantado e a tudo resistindo. A árvore ensina ao homem a resistência e as curvas do Rio vão sempre existir como ponto de referência.

Auxiliando na compreensão da música:

"Vô corrê trecho" - vou andar e procurar novos lugares.

"Foi na monarca a primeira dirrubada" - foi no império a primeira roça, com o desmatamento.

"Tái d'inxada" - a terra enfrentou o fogo, a seca e o talho de enxada que a machucou e cansou; processo idêntico enfrentou o homem

"inté a bôca das água qui vem" - até as próximas chuvas, que podem melhorar as coisas.

"San Palo, Triang Minêro" – corruptelas de São Paulo e Triângulo Mineiro: o sul "maravilha" para o caatingueiro.

"a corda pura" - referente à corda, na cozinha. A corda é costume do interior para evitar que bichos ou ratos roam a carne; a corda cheia ou pura é de riqueza ou muita pobreza; ou despensa, onde se coloca a carne de sol, lingüiça e outros tipos de carne.

“*ah mais cê veja*” – ah, mais você veja; você olhe em que pé a situação está.

“*creto para um furnicimento*” – crédito para adquirir fornecimento (alimentos e necessidades básicas)

“*vêi Brolino mêrmo a deis pur cento*” – a figura é genérica: os aproveitadores do sertão, que investindo na desgraça do caatingueiro, empresta a dez por cento, mediante hipoteca da terra; figura sinistra no sertão e nas vilas periféricas.

“*as alma no bolso do vêi*” – referente à exploração; sem escolha na situação de miséria, hipoteca-se até mesmo a alma ao agiota.

“*sô imbuzêro das bêra do Rio*” – refere-se a resistência: o imbuzeiro armazena água em suas raízes e resiste à seca; entra ano sai ano. Assim é o homem da caatinga

(trechos extraídos do encarte do disco de Elomar
- *Nas Quadradas na Águas Perdidas*, 1976)

ARTICULAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Articulação 1:

Sugerimos o trabalho na área de ciências, aprofundando o conhecimento referente aos órgãos dos sentidos e a percepção (iniciados no módulo 2),

articulando a atividade de produção artística proposta aos educandos na Oficina Cultural, buscando explorar a natureza dos estímulos que captamos, através da percepção das cores e do som.

A fruição de uma obra de arte, seja a explosão de cores nos quadros de Van Gogh, ou as obras produzidas pelos educandos; só é possível a partir do momento em que podemos captá-las através dos nossos órgãos dos sentidos que após serem processadas pelo cérebro, passam a ter sentido.

Em que se constituem as cores e o som captados pelos nossos olhos e ouvidos?

De um modo geral captamos **ondas**. Som e cor, no entanto são ondas diferentes.

SOM:

A sensação de som é produzida pelo movimento organizado de muitas moléculas que compõem o ar. Ao tocar as cordas de um violão, por exemplo, provocamos uma **perturbação** que faz vibrar o ar e que se propaga até ser captada por nossos ouvidos. Esta perturbação se propaga em movimento ondulatório, por isso dizemos que o som é uma **onda**.

A onda sonora não se propaga no vácuo, ela sempre necessita de um meio material (sólido, líquido ou gasoso) para sua propagação.

LUZ:

A luz também é uma onda, que ao ser captada, nos permite enxergar as cores, as formas e tamanhos. Ao contrário do som, a luz propaga-se no vácuo. A luz é um tipo de onda chamada eletromagnética. Ela é muito mais veloz do que o som.

Educadores e educandos poderão aprofundar o assunto pesquisando sobre:

1. A velocidade do som e da luz.

2. O ouvido e os olhos humanos não captam todo o espectro de vibração das ondas sonoras e eletromagnéticas. Pesquise sobre a capacidade de percepção do ser humano.
3. O som muito alto pode provocar problemas de saúde. Pesquise sobre isso
4. Você pode também propor uma experiência simples:
 - ◆ Dentro da faixa de comprimento de onda eletromagnética visível (luz), o ser humano diferencia basicamente 7 cores diferentes. Newton descobriu que a luz (até então considerada branca) era na realidade composta de várias cores. A cor branca pode ser obtida da seguinte forma:
 - ◆ Pinte um disco de cartolina com as sete cores (violeta, anil, azul, verde, amarela, laranja e vermelha). Prenda seu centro em uma haste, por meio de um alfinete. Fazendo o disco girar, as sete cores se fundem em nossa retina e temos a “impressão” de estar vendo a cor branca.

Estes conhecimentos nos permitem perceber um truque utilizado nos filmes de ficção científica: quando ocorre uma explosão no espaço, por exemplo, numa guerra espacial; vemos um clarão seguido de um grande estrondo. Isto não é possível, já que o som não se propaga no vácuo.

Já na atividade com a poesia e a música que remetem à fome, pode-se desenvolver, basicamente, o estudo sobre a matéria-prima para a construção e manutenção do corpo humano: os alimentos. Há diferentes tipos de alimentos que têm diferentes funções no nosso corpo.

Quais as funções dos alimentos para o organismo?

1. São fontes de energia para que o corpo realize suas funções vitais, movimente-se e se mantenha aquecido;
2. Fornecem matéria prima para o crescimento do corpo;
3. Fornecem matéria-prima para a regeneração de tecidos danificados;
4. Mantém o organismo saudável e resistente a diversas doenças.

Como ocorre a produção de energia a partir dos alimentos?

Durante a digestão, os alimentos que ingerimos são transformados em partículas muito pequenas – os nutrientes. São essas partículas que irão nutrir as células.

Os nutrientes são distribuídos por todo corpo pelo sangue sendo absorvidos pelas células. Dentro das células, os nutrientes sofrem transformações e são levados para as mitocôndrias. Aí, os nutrientes, junto com o oxigênio, sofrem várias reações químicas e se transformam em energia, água e gás carbônico.

Mitocôndrias: são consideradas a usina energética das células. Por meio do processo chamado respiração celular, usam oxigênio para transformar pequenas moléculas orgânicas e produzir água, gás carbônico e energia. A energia então deixa as mitocôndrias e fica liberada para suprir as atividades celulares. Células que empregam bastante energia têm grande número de mitocôndrias. Por exemplo, nos seres humanos, as células musculares e do fígado.

Obs.: O educador poderá buscar figuras que mostrem a célula para facilitar a compreensão do processo.

A quantidade de energia produzida pode ser medida em *calorias* (cal). A caloria é uma unidade de medida muito pequena, por isso é mais comum o uso de *quilocalorias* (Kcal).

$$1 \text{ Kcal} = 1000 \text{ cal}$$

O educador poderá solicitar aos educandos que tragam embalagens de alimentos para que possam fazer a leitura das informações contidas na embalagem. Poderá então, elaborar, junto com os educandos, uma tabela contendo o tipo de alimento e a quantidade de energia.

Aprofundando mais os conhecimentos, o educador poderá, junto com os educandos, pesquisar sobre a classificação dos alimentos de acordo com os nutrientes que contém: carboidratos, proteínas, gorduras, minerais, vitaminas e água. Qual a função destes nutrientes no corpo humano? Quais os alimentos ricos nesses nutrientes?

O grupo poderá então incluir mais informações na tabela de alimentos.

Articulação 2:

É importante trabalhar a Língua Portuguesa propondo a leitura, mais detidamente, da letra da música de Elomar, preferencialmente silenciosa. O educador pode solicitar aos educandos que façam o levantamento de palavras, expressões ou passagens que mais chamaram a atenção deles, quer pela estranheza, quer pela familiaridade e, tentem explicar as razões da escolha.

O texto propicia um exercício de gramática que aborde os diferentes níveis de linguagem. Há no Brasil (e não apenas no Brasil) distintos modos de falar, uns mais próximos outros mais distantes da forma padrão, o texto da música

transcreve, de maneira estereotipada, um certo modo de falar. O educador pode solicitar que os educandos reescrevam a canção utilizando a língua padrão.

Assim, os educandos terão condições de comparar diferentes modos de falar, convém salientar as vantagens de se dominar a forma padrão, não apenas por ser socialmente valorizada, mas por ser mais universal, por permitir a comunicação com um maior número de pessoas. Identificando as ocasiões em que o emprego da norma é necessário e funcional o educando deverá ser capaz de fazer uso dessa linguagem, sem que isso implique em qualquer desprestígio à sua própria variante.

Com a poesia de Ana Conte, pode-se trabalhar em quatro momentos:

1º momento: O primeiro momento da leitura de um poema é de fruição e prazer, no qual as impressões e emoções afloram.

2º momento: Agora, pode-se procurar apreender a mensagem que a autora quer transmitir.

3º momento: Desenvolver a análise da poesia a partir da decomposição dos diversos níveis:

- Visual, da composição do poema no espaço

A disposição do texto poético é diferente da prosa. A poesia obedece certas regras, como a métrica que refere-se à quantidade de sílabas de cada verso.

- Fônico, da organização dos sons

As rimas determinam o ritmo e a sonoridade do texto. Há diferentes tipos de rimas, conforme poder ser pesquisado em qualquer dicionário.

- Léxico, dos termos usados

- Morfossintático

Abordando as classes de palavras e suas combinações (predomínio de substantivos, adjetivos etc.; quais tipos de verbos etc.)

As poesias que tem o predomínio de substantivos são mais difíceis de se fazer; o uso de adjetivos facilita, mas pode empobrecer a poesia; os adjetivos superlativos denotam pobreza vocabular.

- Semântico

Abordando os efeitos de sentido, significado das palavras.

4º momento: Trabalhar a síntese, no qual todos os constituintes do poema permitem uma interpretação aprofundada, não baseada apenas na impressão inicial.

Articulação 3:

O tema da fome permite a articulação com conhecimentos das Ciências, da Geografia e História. O texto abaixo pode facilitar a articulação com estas áreas do conhecimento

A fome:

O nosso corpo consome energia mesmo quando em repouso. Ela é necessária para manter as pulsações do coração, a respiração e as incontáveis reações químicas que garantem a sobrevivência.

Se passarmos muito tempo sem ingerir nutrientes, começamos a emagrecer. Por que isto ocorre?

É que num primeiro momento, a energia para manutenção das funções vitais é retirada das células de gordura. Se por acaso ainda permanecemos sem comer, o tecido adiposo se esgota, e nosso corpo, para se manter vivo, passa a empregar a energia das proteínas que formam os músculos. Desta forma perdemos peso cada vez mais até chegar ao estado conhecido como “pele e osso”. Depois de no máximo dois meses morremos.

Hoje apesar de toda a moderna tecnologia agrícola, a engenharia genética e as novas técnicas de irrigação que podem garantir uma quantidade crescente de alimentos, há milhares de pessoas que morrem de fome pelo mundo já que a produção agrícola não tem sido distribuída igualmente entre as populações.

Articulação 4:

Inicialmente é importante discutir com o grupo sobre os motivos para que a distribuição de alimentos seja desigual, debatendo a história e geografia.

Em seguida sugerimos que o educador delimite mais esta discussão no nosso país ou no Estado.

Utilizando um mapa, localizar, junto com os educandos, os bolsões de miséria e fome, identificando então os aspectos geográficos e históricos que contribuem para que esta região seja um bolsão de miséria: clima, solo, economia, etc.

É importante que ao final o grupo discuta sobre os motivos para que existam estes bolsões de miséria e fome no país ou no Estado, e também sobre as medidas que poderiam ser tomadas para transformar a situação.

Em seguida sugerimos a articulação com conhecimentos de ciências.

ROTEIRO 2

Subsídios para os Educadores:

CHAUÍ, Marilena. *O Discurso Competente*. In. *Cultura e Democracia*. São Paulo : Ed. Moderna, 1982, p.p. 3-13. (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 2).

Material utilizado:

Ficha 2: Subsídio para debate sobre cultura – Gramsci.

Objetivo:

- Aprofundar o debate sobre o conceito de cultura, a partir do debate sobre as diferentes concepções de mundo e as relações com o mundo do trabalho;
- Relacionar elementos acerca da cultura, com fatos abordados na mídia, procurando explorar as diferentes concepções presentes em noticiários ou outros suportes de comunicação.

Para que o trabalho com o texto possa proporcionar o **Debate** é preciso que os educandos exponham suas leituras, confrontando-as com as dos seus colegas. Dessa forma o educador terá condições de conhecer as leituras que estão sendo feitas pelos educandos e, discutir com eles as mais pertinentes, dando-lhes oportunidade de realizar uma leitura mais efetiva, porque enriquecida com a experiência de cada um.

Estas são apenas algumas idéias que poderão ser bastante enriquecidas pelo educador, preparando-se durante as horas-atividade, de maneira a poder equilibrar sua intervenção com o aporte de conhecimentos e sugestões, derivados desse trabalho anterior. Assim, terá capacidade de escutar e apreender as diferentes sugestões de leitura vindas dos educandos para, como mediador esclarecido e democrático, contribuir para um debate que amplie a capacidade de leitura do mundo.

Orientações para o debate sobre cultura

Se observarmos com um pouco de atenção os debates que são realizados nos meios de comunicação de massa, ou sobre eles, veremos que é muito comum as pessoas falarem de cultura, cultura popular, cultura regional etc. Se procurarmos em um dicionário, encontraremos diversas definições para o conceito. Afinal de contas o que é cultura? Para alguns, cultura é tudo aquilo que o homem produz, seja essa produção material (suas ferramentas de trabalho, por exemplo), seja ela simbólica (suas crenças, mitos, valores etc.). Para outros, cultura confunde-se com civilização e, dessa forma, falar de cultura é falar do processo de constituição do ser. Mas há uma definição de cultura que procura avançar na compreensão de como no modo de produção capitalista se dão as relações de poder, a reprodução das relações de exploração e acumulação do capital. É sobre essa definição que vamos falar um pouco.

No século 19, Karl Marx, chamou de ideologia ao processo que tentava justificar as desigualdades sociais como fenômenos naturais, ou seja, que justificava a

desigualdade entre os homens como um fato que surge porque os homens são diferentes.

No século 20, Antonio Gramsci, aprofundou essa discussão e passou a denominar de hegemonia formas de representação, normas, valores, idéias dominantes que legitimam determinada visão de mundo.

Para Gramsci, cultura é um processo que se constrói e se altera todas as vezes que as condições históricas se transformam, e novos mecanismos de dominação se constituem.

Pensar então a produção da cultura em uma sociedade capitalista é compreendê-la como um conjunto de práticas sociais e de expectativas que as pessoas têm sobre si e sobre a sociedade. E essa construção não é um fato separado dos processos de exploração econômica e domínio político. Eles se dão ao mesmo tempo.

Na sociedade em que vivemos é perceptível a predominância de valores e idéias que balizam a manutenção do poder dominante, reforçando aspectos fragmentados da realidade para escamotear as reais condições postas. De outro lado, os trabalhadores, por meio de seus sindicatos, de suas associações, de seus partidos políticos travam um debate contínuo com o objetivo de resistir e explicitar a totalidade das relações sociais e assim, promover outra explicação do mundo que possa ser compartilhada e entendida por todos os trabalhadores. Ao travarem esse debate estão produzindo cultura possibilitando um outro enfoque de sociedade, a partir de outras relações sociais, em que a exploração do trabalho deixe de existir, em que todos possam se manifestarem em toda a sua plenitude e potencialidade. Resumindo, estão produzindo uma nova hegemonia, uma nova cultura. É nesse sentido que Gramsci pensou a questão da cultura.

Desenvolvimento 1:

1. Seria importante nesse momento rediscutir com os educandos a respeito do que entendem por cultura, após terem realizado as diversas atividades propostas no módulo 4. Seria interessante que eles elaborassem por escrito e depois fizessem uma exposição oral procurando enfatizar as mudanças ocorridas (ou não) na forma de cada um compreender a cultura ou os processos culturais. Seria conveniente que se escrevesse na lousa e nos cadernos as contribuições trazidas por cada um dos participantes.
2. Após as falas, tentar sistematizá-las objetivando, mesmo que parcialmente, chegar-se à compreensão conceitual que o grupo tem nesse momento. Tal atividade poderia ser realizada novamente ao final deste módulo, quando seria possível verificar os avanços obtidos, as mudanças ocorridas e, se possível, chegar-se à uma definição de cultura que seja consensual ao grupo. Seria importante encaminhar os resultados para a Equipe Nacional, a fim de que a mesma tenha elementos concretos para avaliar as relações entre os textos sugeridos, os objetivos propostos e o desenvolvimento das atividades propostas aos alunos

Desenvolvimento 2:

1. Após o desenvolvimento 1, propor aos alunos a leitura em grupos do texto: *Subsídio para debate sobre cultura, de Antonio Gramsci.*
2. Após a leitura pedir que exponham as falas que eles consideraram mais significativas no texto e que justifiquem o porque de as terem escolhido.
3. Após as falas dos alunos, retomar a leitura do texto destacando a seguinte frase: “...não existe filosofia em geral: existem diversas filosofias ou concepções de mundo e sempre se faz uma escolha entre elas.”

4. Realizar o debate sobre cultura, em plenário, com a turma.
5. Sistematizar os resultados do debate.

Desenvolvimento 3:

1. Seria interessante desenvolver uma atividade de pesquisa em que os alunos após definirem um tema do momento, que poderia ser as eleições municipais, a dívida externa, a inflação etc., procurassem obter dados que lhes permitissem tirar algumas conclusões preliminares, por exemplo:
 - ◆ Caso escolham as eleições municipais, verificar quais temas são mais mencionados pelos candidatos. De que forma eles abordam essas questões? Quais suas propostas? Por quais meios divulgam suas propostas etc. Seria importante, nesse caso, que a escolha recaísse sobre dois candidatos, permitindo-se, assim, ao final, a possibilidade de realizar-se comparações entre ambos.
2. Após a realização da pesquisa seria importante montar um painel com os resultados obtidos, bem como, realizar um debate para que os alunos expusessem as conclusões que tiraram dos resultados obtidos.

ARTICULAÇÃO DE CONHECIMENTO

Articulação 1:

É interessante realizar um trabalho de Língua Portuguesa; orientando a leitura e organização de uma notícia de jornal.

A leitura crítica da notícia permite a percepção tanto de estratégias de organização do texto por parte do autor quanto de leitura por parte do receptor

da notícia. O trabalho deve sempre considerar que o educando traz experiências prévias de leitura que devem ser respeitadas e promovidas.

Inicie propondo a escolha do tema (não é preciso que todos escolham a mesma matéria nem o mesmo jornal, mas é importante que o trabalho seja feito em grupos).

Na análise dos textos de leituras selecionadas a partir do tema escolhido, deve-se considerar:

- **fato central:** manchete;
- **os elementos constitutivos da notícia:** o que aconteceu, quem está em foco, quando, como, onde, por quê ? (normalmente estas perguntas são respondidas no primeiro parágrafo da notícia, o qual recebe o nome de *lead*);
- **cronologia dos fatos:** normalmente, a notícia traz uma ordenação da informação que segue critérios de relevância informativa (novidade, atores, impacto, etc.); portanto, a reconstituição significa um rearranjo da notícia, o que pode ser feito esquematicamente, iniciando com a pergunta: "o que aconteceu antes ?";
- **identificação das decorrências, comentários:** normalmente as notícias trazem, além do fato ou fatos, o que as pessoas direta ou indiretamente têm a dizer; cabe aqui, identificá-las, anotar sua opinião e avaliar seu grau de compromisso com o ocorrido.

Podem ser feitas pequenas fichas de leitura, que servirão de base para trabalhos futuros.

Seria muito bom se os alunos pudessem compara duas ou mais notícias de um mesmo fato (usando para isso jornais diferentes e selecionando notícias quentes). Também é interessante acompanhar notícias diárias sobre um

acontecimento que tenha algum tipo de repercussão(por exemplo caso no grampo no telefone do ministro das comunicações) e que costuma ficar vários dias em evidência.

Muitas vezes, as mesmas notícias são dadas no jornal, na rádio e na TV. Assim, se possível, grave a notícia apresentada na TV e na rádio e proponha a comparação com o texto impresso. A partir daí, procure examinar quais as semelhanças e diferenças:

1. Todos eles têm manchete (chamada)?
2. A quantidade de informação é a mesma ?
3. Como a imagem (no caso da TV) contribui para tornar a notícia mais rápida ou mais ilustrativa ?
4. O modo como fala o locutor na rádio (mas também na TV)sugere uma interpretação?
5. Feita a comparação, uma atividade interessante e agradável seria a leitura em voz alta da notícia escrita como se fosse dada na rádio(aliás, isso ocorre com frequência). Proponha aos alunos que imitem o locutor de rádio, dando a notícia com ênfase, marcando bem as inflexões de voz.

Atividade de síntese: produzir um pequeno texto coletivo que responda à seguinte pergunta: **o que faz de um fato uma notícia?** Observe que a coisa não é tão óbvia: fatos de mesma natureza como o resultado de uma partida de futebol podem ou não ser notícia; nem todas as mortes são noticiadas.

Obs.: Pode-se propor que a turma monte coletivamente um jornal.

ROTEIRO 3

Subsídios para os Educadores:

IANNI, Otávio. *A História da Mundialização e A Desterritorialização* - cap. 3 e 5. In.: *A Sociedade Global*, pp. 89-105. (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 1).

ARRIGHI, Giovanni. *Trabalhadores do mundo no final do século*. In *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis : Editora Vozes, 1997, p.p. 351-371. (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 3).

FIORI, José Luis. *Em Busca do Dissenso Perdido*. São Paulo : Insight Editorial, p.p.3-37. (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 3).

Material utilizado:

Ficha 4: *A escola do crime* - Eduardo Galeano

Objetivo:

- A leitura e reflexão do texto permitem a educandos e educadores perceber, entre outras coisas, a grande contradição presente na sociedade capitalista “globalizada”: o aprofundamento das desigualdades sociais que ocorre ao mesmo tempo em que grande parte da humanidade é bombardeada pelos valores da *cultura do consumo* disseminada pelos meios de comunicação, em

especial a TV. O texto permite ainda a reflexão sobre a violência, suas causas e o quanto a cultura do consumo está relacionada a ela.

Desenvolvimento 1:

1. Sugerimos que os educandos façam a leitura do texto e, em conjunto apresentem as suas reflexões para discussão na classe.
2. Neste momento é importante que se estabeleça relação entre a necessidade constante de produção e consumo, próprias do modo de produção capitalista; a produção de desigualdades sociais e da violência; e o papel dos meios de comunicação.
3. Sugerir que os educandos discutam possíveis alternativas a esta imposição cultural a que estamos sujeitos. Existem possibilidades para uma ação cultural contra-hegemônica? Os educandos sabem citar exemplos de manifestações culturais contra-hegemônicas?

Desenvolvimento 2:

Considerando a pesquisa feita nos jornais da região sobre o plebiscito da dívida externa, sugerimos que educador e educandos discutam a relação entre a dívida externa e o aprofundamento da desigualdade, discutida por Eduardo Galeano no texto. A imprensa trata do assunto? De que forma? Os jornais trazem informações sobre a desigualdade no nosso país ou na sua região? A que atribuem as desigualdades?

ARTICULAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Articulação 1:

As informações contidas no texto sobre o aprofundamento das desigualdades permite, entre outras, a articulação com conhecimentos matemáticos. Vários conteúdos e atividades podem ser trabalhados. Aproveitando o conhecimento que já possuímos sobre multiplicação sugerimos, inicialmente que se trabalhe a potenciação.

O trecho da ficha 4 transcrito abaixo pode facilitar a compreensão da potenciação como produto da multiplicação repetida de um mesmo número (fator):

“...E nos extremos dos extremos, entre os ricos riquíssimos e os pobres pobríssimos, o abismo é bem mais profundo. Somando-se as fortunas privadas que desfilam obscenamente pelas páginas pornofinanceiras das revistas Forbes e Fortunes, chegamos à conclusão de que 100 multimilionários dispõem atualmente da mesma riqueza de 1,5 bilhão de pessoas.”

Escrevendo de outra forma podemos perceber melhor o tamanho da desigualdade: *apenas* 100 ricos têm o equivalente àquilo que 1.500.000.000 de pobres possuem.

A potenciação nos permite expressar esta mesma equivalência de outra maneira.

$$100 = 10 \times 10 = 10^2$$

ou ainda, podemos escrever: $1 \cdot 10^2$

$$\begin{aligned} 1.500.000.000 &= 15.(10.10.10.10.10.10.10.10) = \\ &= 15 \cdot 10^8 \end{aligned}$$

ou, ainda podemos escrever: $1,5 \cdot 10^9$

1.10^2 ricos detêm a riqueza equivalente ao que $1,5.10^9$ pobres possuem

Além disso, o material obtido na pesquisa em jornais, pode trazer informações que permitam a articulação a outros conhecimentos matemáticos, principalmente se o grupo encontrar dados sobre a concentração de renda no Brasil que podem facilitar o aprofundamento de conhecimentos relacionados as quatro operações, em especial a divisão.

A título de exemplo transcrevemos um trecho da matéria *Rico ganha o mesmo que 50 pobres*:

“...Os dados constam da Síntese de Indicadores Sociais 1999 do IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Revelam um país de desigualdades econômicas, sociais, raciais e regionais [...] os 40% mais pobres ganham em média R\$125,04. Os 10% mais ricos ganham R\$2.477,61. Isso corresponde a 19,81 vezes o salário médio dos 40% mais pobres.”

*Jornal Folha de São Paulo, 29/04/00,
Por Fernanda da Escóssia e Cristina Grillo*

Este trecho da matéria permite que se discuta com os alunos sobre média aritmética o que permite que se desenvolva raciocínio e se estabeleça relações utilizando-se a soma e a divisão:

- O fato de 40% da população mais pobre ganhar **em média** R\$125,04, não significa que todos ganhem. Podem existir pessoas que não ganham nada e outras que ganham um pouco mais. Da mesma forma a **renda média** dos mais ricos.
- Pode-se, então, propor exercícios a partir de dados obtidos entre os educandos: média de idade, de altura, de salário, de renda familiar, etc... na turma.

Sugerimos também que se dê continuidade ao que se iniciou no módulo 4, trabalhando, a partir da mesma tabela proposta para o máximo divisor comum (M.D.C.) e estabelecendo relações entre múltiplos e divisores:

Por exemplo: $4 \cdot 5 = 20$

Por outro lado: $20 : 5 = 4$ e $20 : 4 = 5$

Desta forma, pode-se dizer que 20 é divisível por 4 e 5 e que 20 é múltiplo de 4 e 5.

Quando dividimos dois números e a divisão não é exata, então o primeiro número não é múltiplo do segundo número.

Por exemplo: 13 não é múltiplo de 2, porque $13:2$ não tem quociente exato.

Articulação 2:

Para uma completa apropriação de um texto é fundamental que ele possa ser plenamente compreendido. O educador poderá solicitar aos educandos que façam uma leitura atenta do texto, grifando as palavras das quais tenham dúvidas sobre os significados. A partir daí, utilizando os dois dicionários

disponíveis no núcleo, dividir os educandos em grupos para que eles mesmos busquem nos dicionários os significados das palavras menos conhecidas.

É fundamental que os educandos percebam o poder de sedução que o dicionário possui, com suas várias possibilidades significativas. Na orientação para seu uso. É essencial a informação sobre sua organização. Nesse sentido, a ordem alfabética é uma das primeiras noções para a localização da palavra procurada. Entretanto, essa informação não é suficiente: é importante que os educandos percebam a multiplicidade de significados que podem encontrar e a riqueza de sentidos apresentados ali.

O dicionário fornece várias informações, além dos sinônimos, pronúncia correta, classe de palavras, flexões de gênero e número, orientações sintáticas, expressões que auxiliam no contexto.

As habilidades para o uso do dicionário devem ser desenvolvidas através do próprio manuseio, cabe aos educadores incentivar o hábito de consulta aos dicionários, por meio de pesquisas regulares.

ROTEIRO 4

Subsídios para os Educadores:

MARX, Karl. O Capital. Vol. 1. Edição em Quadrinhos ilustrada e comentada por K. Ploeckinger e G. Wolfrim, apresentação de Lúcio Colletti). Global/Escreta.

Textos de Apoio para trabalhar leitura e escrita:

- ◆ A Poesia Moderna
- ◆ Descrever, Narrar, Dissertar
- ◆ Variantes de Narração

Material utilizado:

Ficha 5: Quadrinho sobre Qualificação Profissional – Maringoni e **Ficha 6:** Charge sobre a Qualificação Profissional - Maringoni.

Objetivo:

- ◆ Aprofundar a discussão sobre qualificação profissional, iniciada no módulo 2, destacando o caráter ideológico presente nas propagandas oficiais, bem como, o processo de construção de consensos acerca das relações entre educação e qualificação profissional.

Trabalharemos, a seguir, com dois suportes de comunicação diferenciados, trata-se de uma charge e de história em quadrinhos tratando do tema da Qualificação Profissional.

Desenvolvimento 1:

Dividir a turma em grupos de 5 ou 6 pessoas para os seguintes trabalhos:

1. Interpretação da charge – ficha 6.

A charge satiriza de forma caricatural determinado fato de conhecimento público, em geral, de caráter político. Além da criatividade que propicie o humor e crítica, a charge exige uma enorme capacidade de síntese que expresse com clareza a análise crítica de determinada situação.

2. Interpretação da história em quadrinhos – ficha 5

A História em Quadrinhos é uma narração de uma história ou de aventuras ou mesmo de um romance, feita por meio de desenhos e legendas dispostos em uma série de quadros. No caso, temos uma história que, com um conteúdo de humor, também trata da questão Qualificação Profissional de forma crítica.

3. Socializar em plenário as interpretações desenvolvidas pelos grupos;

4. Sistematizar os resultados.

Desenvolvimento 2:

Com os mesmos grupos já formados, propor um trabalho de criação – de acordo com as afinidades - para exercitar as várias formas de linguagem para expressar idéias, opiniões etc. Aproveitando a oportunidade, pode-se propor aos grupos a

elaboração de uma charge ou história em quadrinhos sob o **Tema** : “*A Qualificação Profissional e o Cotidiano do Trabalhador*”

Obs.: Como os quadrinhos permitem construir uma seqüência que componha uma história (com começo, meio e fim), ela difere da charge - que reflete um momento. Dessa maneira, a elaboração da história em quadrinhos pode se dar a partir da construção dos quadrinhos propriamente ou se efetivar com a dramatização da *idéia* pensada pelo grupo.

Mesmo que as pessoas não tenham habilidades para desenhar, o que é central é a *idéia* para abordagem do tema, que pode desdobrar-se em qualquer uma das propostas.

Essa atividade proporciona incentivar a criatividade e expressão das idéias através de produções feitas pelos educandos. É fundamental que essas produções sejam guardadas para, posteriormente, servirem como referência para refletirmos sobre o desenvolvimento e a apropriação dos conhecimentos pela turma: como organizam suas idéias, como confrontam informações, a leitura crítica etc.

Desenvolvimento 3:

1. Debate sobre a Qualificação Profissional a partir das fichas e da produção dos grupos, somando-se aos elementos debatidos pela turma no módulo 2 (Ficha 6 – Qualificação e requalificação: a serviço de quem? que enfoca o uso ideológico da Qualificação Profissional na atualidade);
2. Sistematização do debate.

ROTEIRO 5

Subsídios para os Educadores:

CATTANI, Afrânio Mendes. *O que é Capitalismo: o modo de produção capitalista*. São Paulo: Brasiliense, 1988 - Coleção Primeiros Passos, p.p. 19-49. (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 1).

DEJOURS, Christophe. *Cap.5: A Exploração do Sofrimento*. In.: *A Loucura do Trabalho*. São Paulo : Ed. Cortez, 1998, p.p. 96-139. (consta na Coletânea de Textos Subsídios para o Educador, Módulo 2).

Material utilizado:

Ficha 8: *Os improdutivos causam mal-estar* - Paulo Sérgio do Carmo.

Objetivos:

- Discutir os elementos presentes no discurso que enfatiza o trabalho como fator disciplinador, hoje naturalizado, recuperando suas raízes históricas para a construção de uma ideologia coercitiva baseada na “Cultura do Trabalho”;

Desenvolvimento 1:

1. Pedir para os alunos lerem a ficha;
2. Pedir que apresentem (em grupo ou individualmente) os seus comentários sobre as seguintes questões:

- a) Quais são os meios de coerção utilizados no início do capitalismo industrial no sentido de convencer os trabalhadores a trabalharem.
- b) Quais elementos presentes no texto que demonstram a estreita relação entre trabalho e cultura disciplinadora?
- c) Por que, hoje em dia, os instrumentos de convencimento utilizados no passado não se fazem mais necessários? O trabalho se tornou elemento central nas vidas das pessoas? A idéia de que o trabalho *dignifica* o homem passou a ser aceita sem contestação? A ideologia burguesa e sua concepção de mundo e de trabalho são hegemônicas?
- d) Considerando-se os itens anteriores, e independentemente da forma como se organiza o trabalho, é possível afirmar que ele ocupa lugar central na vida das pessoas?

Desenvolvimento 2:

1. texto realiza uma rápida discussão sobre o trabalho infantil no início do capitalismo industrial. Mostra que tal fato se deu por dois motivos básicos: A maior docilidade das crianças frente ao mundo fabril e aos baixos salários. A partir desses elementos, os alunos poderiam preparar um trabalho objetivando discutir algumas questões:
 - a) Quais são os tipos de trabalho mais comuns realizados por crianças?
 - b) Em que regiões do Brasil (poderia ser também do mundo) o trabalho infantil é mais utilizado?
 - c) Existe relações entre o trabalho infantil e desenvolvimento econômico?

Obs.: Professor (a), tal questão é importante á medida que o senso comum apresenta o trabalho infantil como presente apenas em regiões pobres ou em atividades econômicas ligadas ao setor primário (lavoura, mineração, carvoarias etc.) seria importante aqui destacar dois exemplos que contradizem essa leitura. Na região de Franca, no interior do Estado de São Paulo, a indústria de calçados utiliza-se maciçamente do trabalho infantil. Na indonésia, no sudeste da Ásia, a NIKE, uma das maiores produtoras mundiais de tênis, utiliza-se do trabalho infantil. No Japão, a Toyota, a maior montadora japonesa de automóveis, utiliza-se do trabalho infantil na produção de seus automóveis, não dentro da fábrica, mas na própria residência das pessoas. Tal processo, negado pela empresa, foi constatado em várias pesquisas em razão de haver uma forte presença do trabalho doméstico no país.

ARTICULAÇÃO DE CONHECIMENTOS

Articulação 1:

As relações entre trabalho e cultura estão fortemente presentes em vários fatos de relevância histórica do século 20. Um exemplo importante é a forma como o regime nazista, (Alemanha 1933-1945) explorou essa questão. No campo de concentração de Auschwitz, na Polônia ocupada, os judeus, assim que chegavam ao campo, deparavam-se com uma enorme placa no portão principal com os dizeres: “o trabalho liberta”. A vida dos judeus nos campos de concentração nazistas da segunda guerra mundial estava na dependência de sua capacidade ou não de realizar algum trabalho no campo. Daí o extermínio imediato de idosos, crianças e doentes.

Pode-se discutir com os alunos esse fato histórico e, em seguida, reler com os alunos a ficha: Os “improdutivos” causam mal-estar. Dessa forma, seria possível

levantar alguns elementos importantes para um debate mais profundo sobre as formas históricas de controle exercidas por meio do trabalho.

Uma outra sugestão de articulação poderia ser feita aproveitando-se dos textos dos módulos iniciais que discutem o fordismo. Nesse caso, a realidade social dos Estados Unidos na década de 20 e a adoção da “lei seca”, que proibiu o consumo de bebidas alcoólicas no país, é um exemplo importante. Tal fato se deu em razão do enorme crescimento da economia americana no período e a necessidade de controlar os trabalhadores. O professor poderia aproveitar e discutir outras questões do período, como uma moral sexual rígida, o forte impacto das religiões sobre os trabalhadores etc. Todos esses elementos tiveram como objetivo amoldar culturalmente o trabalhador às necessidades do capitalismo nessa fase de transição entre a economia concorrencial e os monopólios.

Como proposta de pesquisa, articulando a trajetória dos Estados Unidos e da Alemanha no século 20, poderia ser feito um trabalho objetivando localizar os dois países no contexto da economia mundial nos dias de hoje. A influencia que possuem nas definições das regras do mercado mundial e seus interesses.

Outra proposta de trabalho, que envolveria também a União Soviética, poderia ser a organização do espaço no mundo do pós-guerra. Os alunos poderiam produzir mapas mostrando as modificações sofridas nas fronteiras internacionais no período anterior à guerra, as alterações que sofreu no imediato pós-guerra e as recentes modificações ocorridas no leste europeu na década de 90. Tal trabalho poderia ser um bom instrumento para avançar os alunos na compreensão e leitura de mapas, a importância das escalas e das legendas, ao mesmo tempo que cria condições para um debate sobre o caráter político das fronteiras entre as nações.

Articulação 2:

“A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra mas também como leitura do mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de entender o mundo e nele atuar como cidadãos. (Paulo Freire)

Para analisar qualquer texto é imprescindível que o primeiro passo seja a realização de uma leitura de reconhecimento, individual, que não tenha a pretensão de abarcar todas as idéias presentes no texto nem de fazer análise gramatical.

Em seguida, o educador poderá interagir com os educandos fazendo uma leitura mais detalhada, descobrindo o que lhes chamou a atenção, quais foram suas impressões, qual a relação entre o texto e as experiências da vida de cada um, que relação este texto tem com outros lidos anteriormente em fichas do Programa Integração.

Obs.: É importante utilizar outros recursos, como fitas em vídeo, para tratar do tema em questão, já que há uma série de filmes que abordam sobre o disciplinamento do trabalho e o trabalho infantil.

Executiva Nacional da CUT 2000/2003

João Antonio Felício: Presidente
Mônica Valente: Vice-Presidente
Carlos Alberto Grana: Secretário Geral
Remígio Todeschini: 1º Secretário
João Vaccari Neto: Tesoureiro
Kjeld A. Jacobsen: Secretário de Relações Internacionais
Gilda Almeida de Souza: Secretário de Política Sindical
Altemir Antônio Tortelli: Secretário de Formação
Sandra Rodrigues Cabral: Secretária de Comunicação
Pascoal Carneiro: Secretário de Políticas Sociais
Rafael Freire Neto: Secretário de Organização

Diretoria Executiva:

José Jairo Ferreira Cabral, Maria Ednalva Bezerra de Lima, Elisângela dos Santos Araújo, Luzia de Oliveira Fati, Riata de Cássia Evaristo, Lúcia Regina dos Santos Reis, Jorge Luís Martins, Lujan Maria Bacelar de Miranda, Temístocles Marcelos Neto, José Maria de Almeida, Júnia da Silva Gouvêa, Wagner Gomes, Gilson Luís Reis, Júlio Turra.

Suplentes:

José Gerônimo Brumatti, Francisco Alano, Aldanir Carlos dos Santos, Wanderley Antunes Bezerra, Rosane da Silva, Dirceu Travesso, Mônica Cristina da S. Custódio.

Secretaria Nacional de Formação

Secretário Nacional de Formação: Altemir Tortelli

Coordenação: Martinho da Conceição

Equipe Técnica: Marta Domingues, Dirceu Fumagalli, Gilberto Barbosa da Silva, Maria Esther Basualdo, Rosana Miyashiro Fahl, Maristela M. Bárbara, Egeu Gomez C. Furtado, Rogério Giannini

Parcerias: Dieese – Sirlei Márcia de Oliveira

Consultorias: Prof. Dr. João dos Reis da Silva Jr. e Prof. Dr. Jorge Luiz Cammarano González, ambos membros do Núcleo de Educação e Trabalho da PUC/SP

Participaram da elaboração desta publicação: Marta Domingues, Rosana Miyashiro Fahl, Maristela M. Bárbara

Assessoria Externa: João Nogueira CUT/NT Raça, Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto – Professor do Programa de Mestrado, da Universidade de Sorocaba – UNISO, Maria Auxiliadora B. A Megid - Unicamp

Apoios: Vera Lúcia de Oliveira

Confederações

Presidente

Eliane Cruz – CNTSS
Edson Luiz Bernardes – CONTICOM
Siderlei de Oliveira – CONTAC
Jaci Pinheiro da Silva – CNTV
Juarez Bispo Mateus – CNNT
Roselaine Pasquale – CONTRACS
Edilson de Paula Oliveira – CNQ
Manoel Messias Mello – FENADADOS
Luiz Antônio Souza e Silva – FITTEL
Severino Vasconcelos Aragão Filho – CNTSM
José Rui Ferreira – FAZER
Lenildo Dias de Moraes – SINPAF
Luiz Gonzaga Ulhoa Tenório – FNU

Secretário (a) de Formação

Islany da Silva – CNTSS
Paulo Cesar Borba Peres – CONTICOM
Mewton Wibbay de Araújo – CONTAC
Ademar Pereira da Silva – CNTV
Eduardo Pacheco – CNNT
Germano Quevedo – CONTRACS
Francisco José Souza Ribeiro – CNQ
Avel de Alencar – FENADADOS
Eliane Neves – FITTEL
Benjamim Ferreira de Souza – CNTSM
Thomas Edson Góes de Araújo – FASER
Jorge Cerbaro – SINPAF
Solange Maria de Freitas Bezerra – FNU

Coordenadores Executivos e Coordenadores Pedagógicos das Confederações